



AS VOZES DA EMOÇÃO: PERFIL DOS NARRADORES ESPORTIVOS DO RÁDIO GAÚCHO NA ATUALIDADE

The voices of emotion: profile of the sports narrators of gaúcho's radio today

Las voces de la emoción: perfil de los relatores deportivos de la radio gaucha en la actualidad

Marizandra Rutilli

Doutora e jornalista, Universidade Federal de Santa Maria
maryrutilli@hotmail.com

Ciro Augusto Francisconi Götz

Doutor e jornalista, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
cirogotz@gmail.com

Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo principal mapear o perfil dos locutores esportivos no rádio do Rio Grande do Sul, na era dos narradores contemporâneos (GÖTZ, 2020). Para tanto, o artigo parte de contextualização histórica e evolutiva da função no país e no estado (SOARES, 1994; GUIMARÃES, 2020 e GÖTZ, 2020). Em seguida, define-se o conceito de narração e seus principais estilos (denotativa e conotativa), com apoio de Barbeiro e Rangel (2013), Schinner (2004) e Soares (1994). Como base metodológica, aplica-se questionário on-line (GIL, 2008) através da ferramenta Google Forms a 147 narradores, do qual foram obtidas 104 respostas. Como resultado, constatamos que a narração, de forma geral, vem sofrendo alterações técnicas, como no ritmo, e como função profissional de mercado, enquanto avança para novos suportes.

Palavras-chave: Rádio Gaúcho. Narradores Esportivos. Perfil Profissional.

Abstract

The main objective of this research is to map the profile of sports broadcasters on radio in Rio Grande do Sul, in the era of contemporary narrators (GÖTZ, 2020). Therefore, the article starts from the historical and evolutionary contextualization of the function in the country and in the state (SOARES, 1994; GUIMARÃES, 2020 and GÖTZ, 2020). Then, the concept of narration and its main styles (denotative and connotative) are defined, with the support of Barbeiro and Rangel (2013), Schinner (2004) and Soares (1994). As a methodological basis, an online questionnaire (GIL, 2008) is applied through Google Forms tool to 147 narrators, from which 104 responses were obtained. From the analysis of the results, we found that the narration, in general, has undergone technical changes, such as in the rhythm, and as a professional market function, while advancing to new supports.

Key words: Gaucho Radio. Sports Narrators; Professional Profile.



Resumen

El objetivo principal de esta investigación es mapear el perfil de los locutores deportivos en la radio de Rio Grande do Sul, en la era de los relatores contemporáneos (GÖTZ, 2020). Por lo tanto, el artículo parte de la contextualización histórica y evolutiva de la función en el país y en el estado (SOARES, 1994; GUIMARÃES, 2020 y GÖTZ, 2020). Luego, se define el concepto de relato y sus principales estilos (denotativo y connotativo), con el apoyo de Barbeiro y Rangel (2013), Schinner (2004) y Soares (1994). Como base metodológica, se aplica un cuestionario en línea (GIL, 2008) a través de la herramienta Google Forms a 147 narradores, de los cuales se obtuvieron 104 respuestas. Del análisis de los resultados, encontramos que el relato, en general, ha sufrido cambios técnicos, como en el ritmo, y como función profesional de mercado, al tiempo que avanza hacia nuevos soportes.

Palabras clave: Radio Gacho. Relatores Deportivos. Perfil Profesional.

1 INTRODUÇÃO

No dia 19 de julho de 1931, Nicolau Tuma, pela Rádio Educadora Paulista, de acordo com Soares (1994), realizou a primeira transmissão na íntegra de uma partida de futebol no Brasil. Na oportunidade, o *speaker metralhadora*, como era conhecido, relatou a vitória de São Paulo sobre o Rio de Janeiro pelo placar de 6 a 4, em duelo válido do extinto Campeonato de Seleções, organizado pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD). Segundo Götz (2020), a história da narração esportiva no rádio brasileiro pode ser dividida em três períodos: desbravadores, paradigmáticos e contemporâneos. A primeira, que compreende as décadas de 20 e 60, agrupa os locutores “aventureiros”, entre os períodos de implantação, difusão, regulamentação da publicidade e princípios da segmentação do rádio (FERRARETTO, 2012).

Já o paradigmático compreende as décadas entre 1960 e meados dos anos 90. Foi uma fase, segundo Ferraretto (2012), de grande evolução tecnológica, na qual houve a consolidação dos receptores transistorizados e a miniaturização do rádio, que se tornou um “companheiro dos torcedores” nos estádios ou onde quer que fosse. Seguiu-se a entrada da frequência modulada (FM) e o desenvolvimento da segmentação e dos primórdios da digitalização, com a telefonia celular e internet. Aconteceram profundas transformações na forma de se transmitir um “espetáculo”, com o aprimoramento da formação de departamentos de esportes e das próprias jornadas esportivas.

Já o período contemporâneo, defende Götz (2020), é o vigente da narração esportiva, na qual muitas das técnicas e estilos, principalmente da fase paradigmática, continuam

influenciando as novas gerações de locutores que, atualmente, não narram mais somente através das ondas hertzianas. Em tempos de convergência, os profissionais estão presentes em celulares, tablets, notebooks e em plataformas digitais como Facebook e Youtube.

No dia 19 de novembro de 1931, pouco depois do feito de Tuma, conforme Ferraretto (2002), Dalpiaz (2002) e Duval (2012), coube a Ernani Ruschel, o *speaker n° 1*, realizar, de forma improvisada, a primeira narração no rádio do Rio Grande do Sul, pela Rádio Sociedade Gaúcha, da vitória do Grêmio contra a Seleção do Paraná por 3 a 1, no estádio da Baixada, no Moinhos de Vento, em Porto Alegre. Foi apenas o começo do estabelecimento de uma das escolas de narração esportiva mais importantes e influentes do Brasil, que consagrou nomes como Mendes Ribeiro, Milton Ferretti Jung, Pedro Carneiro Pereira, Armindo Antônio Ranzolin, Samuel de Souza Santos, Marco Antônio Pereira, Pedro Ernesto Denardin, entre outros.

O seguinte artigo é uma pesquisa exploratória. O principal objetivo é *mapear o perfil dos narradores esportivos no rádio do Rio Grande do Sul*. Já os objetivos específicos são os seguintes: Verificar como se dá o processo de formação dos profissionais contemporâneos, constatar o estilo de narração predominante no estado, a partir da identificação dos locutores e refletir sobre o futuro da função, em um cenário convergente e digital.

A primeira parte, de forma objetiva, é dedicada à conceituação do que se compreende por narração e seu papel no meio radiofônico, seja hertziano ou *web*. Adota-se a classificação dos narradores elaborada por Soares (1994), que divide a função em duas escolas, que aqui compreendem-se como estilos: *denotativo* e *conotativo*. Em seguida, são apresentados os caminhos metodológicos para a execução da proposta, que serão empregados, em seguida, aos resultados. A última parte é dedicada às considerações.

2. A NARRAÇÃO ESPORTIVA: CONCEITO E TIPOLOGIAS

O narrador é, ainda hoje, a figura central de uma transmissão esportiva radiofônica. Conforme Barbeiro e Rangel (2013, p. 66), narrar significa “expor, relatar, descrever o fato. Observar e comunicar”. Para Schinner (2004, p. 76), “a norma de transmissão no rádio se resume a uma narração mais descritiva, mostrando aos ouvintes detalhes dos uniformes, dos

times, da posição do campo e das jogadas”. Mas a narração é mais do que descrever. Segundo César (2009, p. 215), a locução “deve ser vibrante, cheia de entusiasmo e bastante precisa; a velocidade da narração é acelerada, diferenciando-se, assim, dos demais tipos de locução no rádio”.

A partir das primeiras experiências, desde a década de 1920 (MOSTARO e KISCHINHEVSKY, 2016; GUIMARÃES, 2020), a figura do narrador, ao longo das décadas, tornou-se a principal função, até hoje, exercida nas jornadas esportivas radiofônicas. Atualmente, o narrador integra um quadro básico dos chamados departamentos de esportes das emissoras, em geral, compostos, segundo Ferraretto (2014), pela coordenação, de comentaristas, repórteres, plantões, apresentadores, produtores e estagiários. Nas transmissões, também conhecidas como *jornadas esportivas*, durante muito tempo, conforme Barbeiro e Rangel, o narrador era considerado um *showman*, tal qual uma celebridade e tudo girava em torno da sua performance. Agora, frisam os autores (2006, p. 66), “o narrador necessita saber ser um âncora das transmissões. E, ressalta Schinner (2004), é de fundamental importância que o narrador seja um profissional bem informado.

Durante décadas, atribuiu-se ao narrador a função de “criar imagens” nas mentes dos ouvintes. Até certo ponto, isso ainda é possível, mas, muito mais difícil. De acordo com Meditsch (2007), o discurso ou linguagem radiofônica está amplamente ligada a uma “fase da imagem”. Para o autor, a oralidade ou a ideia de construção mental seriam meramente aparentes, dada a exposição e as formas dos discursos.

Segundo Ferraretto (2014, p. 218), “a mecânica de cobertura pode ser dividida em quatro fases definidas: (1) a abertura, (2) o jogo em si, (3) o intervalo e (4) o encerramento”. Como há uma série de funções a serem desempenhadas em uma transmissão, o narrador, além de descrever o panorama periférico, seja *in loco* ou *off tube*, deve acionar ou permitir a participação dos demais integrantes da jornada, como os comentaristas, repórteres e demais componentes. E, ainda, durante o relato, dividir as ações com a veiculação de textos publicitários. O conteúdo depende do estilo de transmissão e dos respectivos departamentos comerciais das emissoras.

Quanto aos estilos, Soares (1994) divide a locução esportiva em dois tipos: *Denotativa* e *Conotativa*.

De acordo com a autora (1994, p. 61), a denotação acontece quando existe uma significação direta entre signo e objeto. É o estilo de narração descritiva, com ênfase na relação básica entre equipes e a posição da bola quanto aos times e seus jogadores. Sobre o estilo conotativo, este ocorre quando “seus representantes caracterizam-se pelo uso de signos conotativos que vêm agregar-se ao primeiro naquela mesma relação signo/objeto” (SOARES, 1994, p. 61). Narradores conotativos, além da descrição dos fatos em si, como no primeiro estilo, utilizam figuras de linguagens, por exemplo, os bordões.

Apesar dessa diferenciação, é comum haver um misto de estilos, onde mesmo narradores mais descritivos, em dados momentos, utilizem elementos conotativos. De uma forma geral, além da descrição do jogo em si, os narradores têm como funções ressaltar a emoção e empolgar os torcedores ouvintes que acompanham as irradiações.

3. METODOLOGIA

Para dar conta dos objetivos propostos nesta pesquisa, tendo como foco principal o mapeamento do perfil dos narradores do Rio Grande do Sul, foi elaborado um questionário via *Google Forms* com 21 perguntas, todas com espaço para texto dissertativo. As questões foram as seguintes: 1) Nome:, 2) Idade:, 3) Natural de:, 4) Quanto tempo de narração?, 5) Qual emissora atua?, 6) Qual o regime de trabalho?, 7) Já atuou em outras rádios? Quais?, 8) Quais as narrações mais marcantes, 9) Quais tipos de campeonatos já transmitiu?, 10) Tem formação específica (ensino técnico, superior)? Qual curso e instituição? Ano de conclusão?, 11) Em caso de não ter passado por instituição de ensino, como aprendeu a narrar?. Ainda: 12) Quais suas principais influências (narradores)?, 13) Seu estilo é mais descritivo ou também utiliza bordões, frases, slogans?, 14) Caso haja bordões, quais são os de maior destaque?, 15) O que é narrar futebol no rádio?, 16) Você narra outras modalidades esportivas? 17) Como vê a narração com transmissões de vídeo em redes sociais? Já fez?, 18) Qual o futuro da narração?, 19) O narrador deve exercer apenas essa função ou pode atuar em outras atividades no rádio?, 20) Como percebe a formação de novos profissionais da área? Há renovação?, 21) Quais os reflexos da pandemia do Covid-19 na narração?.

O questionário, conforme Gil (2008), é uma técnica de investigação em que um conjunto de questões é aplicado a pessoas com o propósito de obter informações, no caso

desta pesquisa, de modo autoaplicável. Buscou-se traduzir nas formulações os objetivos do artigo. Assim, a partir do autor, espera-se com as respostas, ter uma base de dados para descrever as características do grupo. O principal ganho dessa técnica metodológica está na possibilidade de abranger o maior número de entrevistados possíveis e permitir respostas de forma on-line, já que os narradores são de todo o estado gaúcho. Como desvantagem, reconhecemos que alguns profissionais sem acesso à internet, e-mail, WhatsApp e telefone fixo ou móvel, deixaram de participar da pesquisa.

A primeira etapa compreendeu a elaboração do questionário e as formulações das perguntas. Essas foram questões abertas em que, de acordo com Gil (2008, p. 141), “solicita-se aos respondentes para que ofereçam suas próprias respostas”. A segunda etapa deu conta de buscar uma fonte de dados que trouxesse uma base de emissoras de rádio presentes no estado. Então, chegou-se até a relação de emissoras gaúchas filiadas à Agert (Associação Gaúcha de Rádio e Televisão) que está disponível no site da entidade, em arquivo *pdf*, com a lista das associadas.

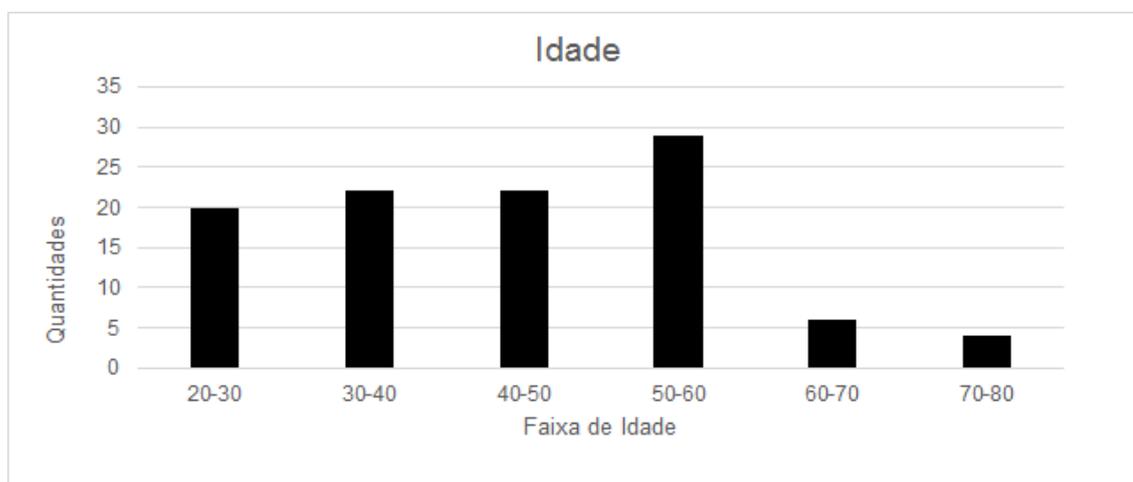
Na sequência, foram contatadas todas essas emissoras. Buscou-se identificar quais contavam com narradores em seus quadros e solicitou-se dados como nome, números de telefone ou WhatsApp e e-mail do (s) profissional (ais). Dessa forma, foi criado pelos autores um banco interno e exclusivo para fins da pesquisa com informações de 111 rádios e 130 profissionais. Além da Agert, contatou-se também a Aceg (Associação dos Cronistas Esportivos Gaúchos) e, com isso, foi possível enviar o formulário para mais 17 narradores de *web* rádios. Portanto, o *link* do formulário foi remetido via e-mail e/ou pelo WhatsApp para 147 profissionais, do qual obtivemos 104 respondentes, sendo apenas duas profissionais do sexo feminino.

A terceira etapa contemplou o período que o formulário esteve disponível para o preenchimento das questões: entre os dias 20 de outubro e 09 de novembro de 2020. A última etapa metodológica compreendeu a análise das respostas (próximo tópico), no qual adotou-se uma perspectiva quantitativa e qualitativa, tomando como principal guia os objetivos geral e específico deste estudo científico. Também foi empregada a base teórica disposta na introdução e no item subsequente (contextualização e fases históricas, conceito e tipos de narração esportiva).

4. O PERFIL DOS NARRADORES ESPORTIVOS GAÚCHOS EM EMISSORAS HERTZIANAS E WEB RÁDIOS

Os resultados seguem a ordem cronológica das questões aplicadas e, sendo assim, começamos pela segunda pergunta: *idade dos profissionais*. A faixa etária entre 50 e 60 anos compreende a maioria das respostas (29), sendo que as faixas entre 20 e 50 anos apresentam números próximos. Entre 20 e 30 anos, a marca chegou a 20 respostas. Já entre 30 e 40, 40 e 50 anos, o total foi o mesmo (22 respostas). As idades entre 60 e 70 anos obtiveram 6 respostas. De 70 a 80 anos foram apenas 4 respondentes. Dessa forma, é possível pontuar que a maioria dos locutores esportivos gaúchos são jovens e de meia idade (têm entre 20 e 50 anos).

Gráfico 1 - Faixa etária dos narradores



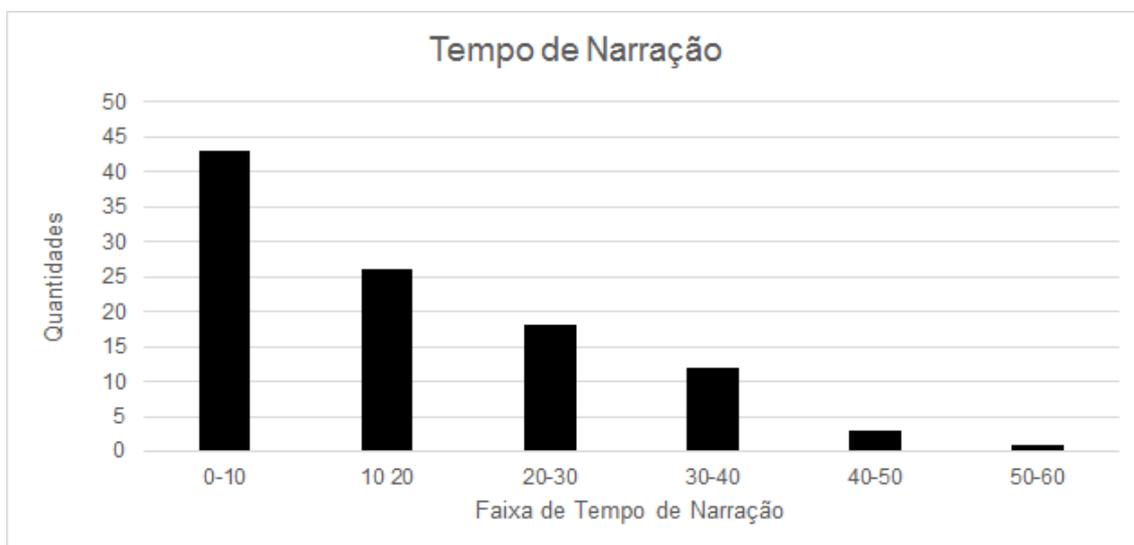
Fonte: elaborado pelos autores (2020).

No item *cidade de origem dos narradores*, constatou-se que o maior número de respostas indica Porto Alegre (12), depois São Gabriel (7), Pelotas (5), São Luiz Gonzaga (4), Soledade e Canguçu (3 para cada cidade). Além dessas, também são parte da amostra de cidades natal: Não-Me-Toque (2), Farroupilha (2), Guaporé (2), Faxinal do Soturno (2). Com uma resposta apenas, pontua-se: Caibaté, Liberato Salzano, Arvorezinha, Candelária, Santo Augusto, Santa Rosa, Chapada, Alegrete, Teutônia, Aratiba, Frederico Westphalen, Venâncio Aires, Formigueiro, Sant'Ana do Livramento, Bagé, Crissiumal, Cruzeiro do Sul, Itaqui,

Condor, Horizontina, Serafina Corrêa, Passo Fundo, Esmeralda, Veranópolis, Ijuí, Cerro Largo, Cristal do Sul, Santo Ângelo, Dom Pedrito, Alpestre, Santa Cruz do Sul, Palmeira das Missões, Ronda Alta, Rio Grande, Porto Lucena, Cachoeira do Sul, Catuípe, Sarandi, Ibirubá, Três de Maio, Santa Maria, Bom Jesus, Santiago, Agudo, Caxias do Sul, Porto Xavier, Canoas, Viamão e Estância Velha. Por fim, foram citados também outros países e estados: Colonia Wanda (Argentina), Águas de Chapecó (SC), Jacarezinho e Ponta Grossa (ambos municípios do Paraná).

Quanto ao tempo de atuação, foram constatados 43 comunicadores com e até 10 anos de experiência e 26 entre 10 e 20 anos. A partir das faixas seguintes, o quadro apresenta menos profissionais, contudo, predominantemente integrantes do período contemporâneo.

Gráfico 2 - Tempo de Narração



Fonte: elaborado pelos autores (2020).

Do período paradigmático, foram identificados apenas dois narradores que seguem na ativa. Como esperado, não há nenhum representante do período desbravador. A faixa de 10 anos de experiência, com 10 narradores, lidera o ranking de profissionais, seguida pelos locutores com 20 anos, que apresenta 9 integrantes. Bruno Ravazzoli, da Rádio Guaíba, afirma que sua primeira experiência com a narração ocorreu em 2011. Porém, apenas em 2020, recebeu sequência. Considera-se Ravazzoli, então, aquele que possui menos tempo de narração. Por outro lado, Haroldo de Souza, da Rádio Grenal, um dos paradigmáticos, é o

narrador com mais tempo de atuação (58 anos). Próximo, está Vicente Paulo Bisogno, da Rádio Imembuí, com 51 anos de narração.

Já em relação à *emissora que atua*, identificou-se a quantidade de narradores em cada uma, conforme as respostas, segundo a Tabela 1.

Tabela 1 - Emissora que atua

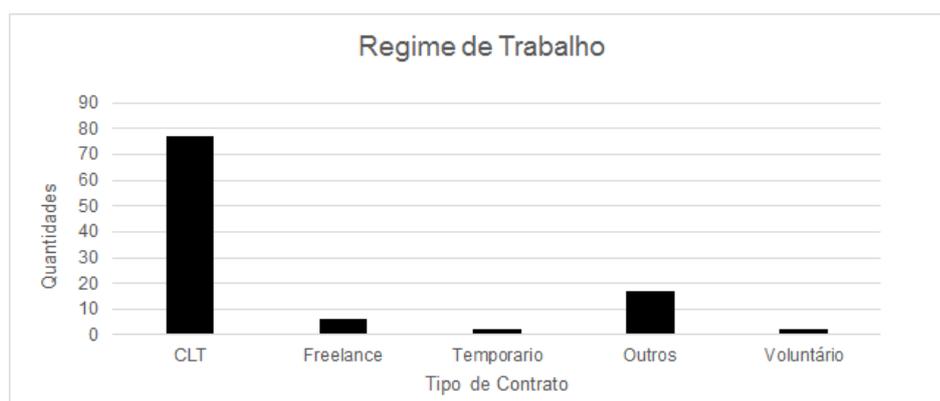
Emissoras	Quantidade de Narradores
Guaíba	5
Universidade de Pelotas, Pelotense, Tchê (São Gabriel) e Estação Web	3
Rádio Simpatia, Ceres, Planalto News, Gazeta de Santa Cruz do Sul, Imembuí, Sideral, São Luiz, Liberal, São Roque, La Sorella, Gaúcha, Galera, Colonial, O Bairrista e Inferno, Ceres, Rádio Nova Ceres	2
Rádio Repórter de Ijuí, Sarandi, Alvorada, Mais Nova, Santa Cruz, Sulbrasileira, Missioneira, Alegrete, Rádio Vale Feliz, Diário AM, Aratiba, Solaris, Venâncio Aires, Integração, Chiru, Batovi, Metrópole, Independente, Pitangueira,. Ainda Gazeta de Carazinho, Rosário, Esmeralda, Ativa, Comunidade, Cristal, Pitangueira, Jornal da Manhã, Grupo EPU, Fortaleza, Serrana, Caxias, Liberdade, Sulina, Cultura AM, Ponto Norte, Aurora, Cultura de Bagé, Seberi, Bitcom TV, GreNal, Noroeste e Guaíra, Querência, Fandango, Águas Claras, Sarandi, Ibirubá, Santiago, Esporte Serra, Nova Iguaçu, Maravilha Web, Navegantes, Estação FM, Neo Sports Rádio, Progresso, Estação Zero e Mix Esportes, Clube do Ouvinte, Colorada, Pachola, Grêmio Umbro e De Olho nos Esportes.	1

Fonte: elaborado pelos autores (2020).

Nesse tópico, o destaque é para a Rádio Guaíba como a emissora que possui o maior número de narradores.

Quanto ao regime de trabalho, as bases indicam que 77 profissionais atuam sob normas de Consolidação das Leis de Trabalho (CLT), embora não tenham sido esclarecidos os enquadramentos dos registros.

Gráfico 3 - Regime de trabalho dos narradores



Fonte: elaborado pelos autores (2020).

Por fim, 6 afirmaram que atuam como *freelancers*, 2 com contrato temporário, 2 são voluntários e 12 profissionais foram enquadrados na categoria *Outros*.

Sobre a *atuação em outras emissoras* de rádio foram computadas 103 respostas, sendo que 28 profissionais afirmaram não ter passado por nenhuma outra rádio antes. Já 58 respondentes citaram até cinco emissoras anteriores e 17 narradores mencionaram ter atuado em mais de dez rádios distintas. As maiores referências foram: Rádio Caxias (8), Progresso de São Leopoldo e Novo Hamburgo (5), Guaíba (5), Gazeta de Santa Cruz do Sul (4), Grenal (4), Vera Cruz de Horizontina (3), Estação Web (3), Bandeirantes (2), São Luiz (3), Cultura de Pelotas (2), Gaúcha (2), São Ângelo (2), Sepé Tiarajú (2) Diário da Manhã de Carazinho (2) e ainda Jornal da Manhã de Ijuí (2).

Em relação às *narrações mais marcantes*, os locutores citaram eventos como: o título brasileiro de basquete do Corinthians de Santa Cruz do Sul, em 1996, o acesso do Brasil de Pelotas à Série B do Campeonato Brasileiro (2015), o encontro de futebol infantil Pan-

Americano; jogos da Seleção Brasileira (no antigo Estádio Olímpico e no Beira-Rio), competições da Associação On Line, de Novo Hamburgo, decisões do Esporte Clube Novo Hamburgo, Aimoré, Avenida e Santa Cruz. A final do Campeonato Municipal de Nova Petrópolis de 2011, partida entre Santos e Alianza Lima, em 2020, Uruguaí e Colômbia, pelas Eliminatórias de Futsal. Decisão da Libertadores entre Grêmio x Peñarol (1983), final da Copa do Mundo entre Alemanha e Argentina (1990), Gre-Nal do século (1988), Mundial de Clubes, em 2017, com Grêmio e Real Madrid e Libertadores, com São Paulo e Inter, em 2006, e São Paulo e Inter, em 2010.

Quanto aos *tipos de campeonatos já narrados* podemos pontuar: campeonatos municipais e/ou amador, competições regionais, estadual e Liga Nacional de Futsal, Gauchão, Brasileirão Séries A, B, C e D, Libertadores e Copa do Brasil. Campeonato Gaúcho e Brasileiro de Motocross, Terceirona Gaúcha, Divisão de Acesso, futebol 7, Super Copa, amistosos da seleção brasileira, eliminatórias da Copa do Mundo, UEFA Champions League, Copa São Paulo de Juniores. Também campeonatos brasileiros e estaduais de basquete, vôlei, Olimpíadas, tênis, revezamento 4 x 100, Fórmula 1. Série Ouro de Futsal, kart, futsal Sub 17, Sub 20 e até futebol americano.

Em relação à *formação dos narradores gaúchos*, foram contabilizadas 133 respostas. Do total, oito são pós-graduados nas áreas de Informática, Gestão Pública, Gestão da Comunicação, Comunicação Organizacional, Gestão de Rádio e Difusão, Gestão do Esporte e Direito Mobiliário. Há, ainda, dois pós-graduandos nas áreas de Letras e Comunicação. Com formação superior, foram identificadas 37 áreas: 22 jornalistas, cinco bacharéis em Direito, quatro formados em Letras, dois administradores de empresas, e, ainda, um biólogo, um gestor público, um profissional em Educação Física e um no curso de Rádio e TV.

Também foram constatados narradores com curso superior incompleto: cinco jornalistas, um advogado, um administrador de empresas, uma psicanalista, um na área de Filosofia e outro em Ciências e Tecnologias. Três declararam possuir registro de jornalista por tempo de profissão exercida. No critério de formação técnica, 22 possuem curso de radialista, quatro de narradores, quatro de narração e comentários, um de narração para TV, um dublador e um de operação de áudio. Quatorze registraram formação em Ensino Médio completo e nenhum incompleto. Do Ensino Fundamental constataram-se dois e um incompleto. Por fim, 27 respostas foram insuficientes ou inconclusivas para determinar as formações profissionais.

Nas situações em que os profissionais não passaram por instituição de ensino, 30 locutores afirmaram que aprenderam a narrar, simplesmente, ouvindo rádio e observando outros profissionais, na busca de influências. Em 33 respostas, os narradores declararam que foi na prática diária onde desenvolveram suas técnicas e estilos. São poucos aqueles que se dedicaram a frequentar cursos específicos de aprimoramento da narração. Nove migraram da reportagem para a narração esportiva, cinco iniciaram “por acaso” ou substituindo outros narradores por necessidades pontuais, enquanto que seis, através de testes ou concursos, começaram suas respectivas trajetórias. Em 10 afirmativas, os narradores defenderam que a função estaria ligada a uma qualidade de vocação. Narrar para esses locutores seria um dom ou talento que “deve ser lapidado”. Por sua vez, 14 responderam que o aprendizado iniciou ainda na infância e juventude. Destes, seis revelaram que as primeiras experiências aconteceram “em cima da mesa de botão”.

Os comunicadores também foram questionados sobre *quais são suas referências profissionais*. Foram confirmadas 95 respostas e dez não informaram suas influências. A Tabela 2 indica quais foram os narradores gaúchos mais referidos:

Tabela 2 - Os narradores mais lembrados

Narradores	Citações
Haroldo de Souza e Pedro Ernesto Denardin	40
Armando Antônio Ranzolin	39
Marco Antônio Pereira	15
José Aldo Pinheiro	9
Pedro Carneiro Pereira	7
Roberto Brauner e Daniel Oliveira	4
Milton Jung	3
Orestes de Andrade, Willy Gonser e Mário Lima	2
Élio Fagundes, Mendes Ribeiro, Luiz Alano, Marcos Couto, Paulo Brito, Afonso Martins, Marco Antônio de Oliveira, Renê Beck,	1

Cláudio Silva, Pedro Brum Santos, Cláudio Zappe, Tiago Pelizzaro, Francisco Appio, Lírío Soares, Vicente Paulo Bisogno, Valdir Maioli, Sebastião Oliveira, José Claucir, Leandro Siqueira, Rodrigo Vianna, Jorge Baltar e Gilmar Luiz.

Narradores de TV	Citações
Celestino Valenzuela e Luiz Alano	2
Paulo Brito	1

Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

A Tabela 3, por sua vez, indica quais locutores de outras regiões brasileiras também foram mencionados.

Tabela 3 - Narradores de outras regiões do Brasil

Narradores	Citações
Osmar Santos	11
José Carlos Araújo e Fiori Gigliotti	4
José Silvério e Luiz Penido	3
Eder Luiz e Oscar Ulisses	2
Pedro Luiz, Ulisses Costa, Everaldo Marques, Luciano Silva, Dirceu Maravilha, Flávio Araújo, Heitor Fernandes, Gerson Bem, Rômulo Mendonça e Otávio Neto	1

Narradores de TV	Citações
Luciano do Valle e Galvão Bueno	11
Luís Roberto	8
Silvio Luiz e Gustavo Villani	5
Luiz Carlos Jr.	4

Milton Leite	3
Cléber Machado	2
Januário de Oliveira, Everaldo Marques, Paulo Andrade, Nivaldo Prieto, Marco de Vargas, Téo José, Jota Jr. e Daniel Pereira	1

Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

Denominados de “narradores de *streaming*”, do Rio Grande do Sul, evidenciaram-se Ramiro Ruschel, com três citações, e Thiago Suman, com duas.

Quando perguntados sobre *estilo de narração (denotativo ou conotativo)*, das 101 respostas contabilizadas, 41 narradores declararam-se descritivos, com ênfase no relato e na identificação dos lances de uma transmissão, isto é, classificados como denotativos. Por sua vez, 20 consideraram-se descritivos, mas que, eventualmente, utilizam bordões, frases ou *slogans* em suas narrações. Em contrapartida, 40 deles afirmaram que, constantemente, inserem recursos conotativos em seus respectivos relatos.

Quanto aos *bordões, frases e slogans*, foram obtidas 54 respostas e identificadas uma série de variadas expressões: “A vida tá cara, o tempo não para”, “confira comigo o tempo e o placar do futebol”, “é de quem? é de quem?”, “que momento, que momento, que momento!”, “gol, gol, gol, gol, gooooooooooolllll”, “errrrrrrou”, “detalha, detalha”, “vamos pro jogo”, “meteu pro gol”, “analisaaaaaa”, “que beleza, que maravilha”, “adivinha”, “as bandeiras estão tremulando”, “chamou, falou”, “a bola está rolando, e se a bola está rolando, o tempo está passando”, “pro fundo da rede”, “o tempo urge, o tempo voa”, “explode coração, é gol do...”, “vem bola pra cozinha da tia Maria”, “vamo cuidar a porcelana aí, moçada”, “ela foi lá no fundo da rede e fez borbulhas de amor”, “cantou o sabiá no pé da laranjeira”, “o guarda redes tá na cajarana esquerda/direita”, “povo azul”, “gol de vídeo game”, “caixa!”, “assim não!”, “gorducha (bola)”, “vem pro ar”, “deixa cair”, “tá no barbante”, “viva, São João”, “espanta daí, que eles não tão de brinquedo não”, “aponta aí que eu vi!!”, “é pra balançar, balança!”, “é pra estremecer, estremeeeeeeeee!”, “Esmirilhouuu!”, “a pancada é forte!”, “chega mais e fica junto!”, “explode a rede”, “explosão de alegria”, “subiu na moto”, “pega fogo cabaré”, “tá correndo de mochila do Ifood nas costas”, “fez e foi pra festa”,

“formado o descontrolé”, “a bola rola e o tempo não para”, “vai, malandra”, “no tick e no tack do relógio, no pick e no tock da bola a (rádio) pede passagem para o tempo e placar”.

Já em relação à indagação feita sobre *o que é narrar futebol no rádio*, eles a percebem como algo único a cada jogo, marcada pelo uso responsável e constante da emoção e da paixão. Também destacam a imaginação e criatividade, acrescida da vibração (independente do clima do jogo), numa transmissão do que acontece na partida a cada lance para alguém que não está vendo a partida. É considerada uma profissão de muita credibilidade e que, de modo geral, traz satisfação aos narradores.

A narração no rádio, conforme os participantes da pesquisa, também dá a possibilidade de eternizar uma partida ou momentos. Pode-se perceber que há uma aproximação do ato de narrar com a arte, quando os respondentes o igualam à ação de dar vida a um espetáculo, com personagens que fazem uma outra obra artística (o futebol). Seria como a produção de um documentário de conteúdo emocional, uma forma de contar uma história alinhada com uma técnica de locução. Exige-se, ainda, que o narrador esteja bem informado, com base em leitura e domínio da Língua Portuguesa. Há os que compreendem a narração como “a alma e linguagem do futebol” construída historicamente a partir do rádio, mas também como processo físico e mental.

Quando questionados sobre *narrações em outras modalidades esportivas*, além do futebol, os profissionais citaram as seguintes categorias: futsal (32 respostas), vôlei (30), basquete (17), atletismo (10), futebol 7 (7 menções), bocha (5), automobilismo (5) handebol (5), motocross (4), futebol virtual e/ou digital (3) e tênis (2). Já as modalidades de motocross, veloterra, supercross, velocar, rodeio, natação, hipismo, badminton, prado e futebol americano, foram mencionadas uma vez. Um respondente citou a experiência de, durante um curso de narração, ter relatado uma disputa de Taekwondo. Por outro lado, o número de profissionais que não tiveram experiência em nenhum outro esporte foi de 27.

Entre todos os respondentes, 68 afirmaram que já fizeram narrações com transmissões de vídeo, via redes sociais. Já outros 23 disseram nunca ter feito, enquanto 13 participantes não responderam. De um modo geral, pode-se afirmar que os profissionais consideram essa prática como parte do presente e também futuro da profissão, como um avanço tecnológico. E entendem ainda como uma alternativa para atrair um novo público que não acompanha as transmissões pelo rádio hertziano. É um novo mercado de atuação para os profissionais no

streaming (seja via live, no Facebook, Youtube e Instagram), num meio termo entre a narração da TV e do rádio.

Nesse novo ambiente, muitos profissionais buscam usar a narração do rádio em prol de aumentar o número de visualizações, numa soma de emoção da narração e imagem do jogo. Há também uma diferença entre a narração exclusiva para redes sociais e a narração via rádio com áudio e imagem para as redes sociais. Já pelo rádio o foco segue no ritmo próprio desse veículo, sendo que o único diferencial é que o som está partindo para as redes. Outra modalidade crescente apontada pelos entrevistados é a prática de narração de campeonatos de videogame (FIFA 20 e FIFA 21).

As narrações em vídeo também foram vistas como uma alternativa diante dos chamados direitos de transmissões. Fugindo das divisões de ponta, as categorias de base e as divisões mais abaixo encontraram nas *lives* uma forma de levarem seus times aos seus torcedores, inclusive tendo possibilidade de subsistência para os clubes que conseguem melhores patrocinadores. Isso também potencializa as transmissões de campeonatos amadores e de menor expressão. Em 2018, por exemplo, a Rádio Fortaleza FM foi a pioneira no estado em transmitir os jogos da Série Bronze de Futsal no Facebook.

Outro aspecto apontado é que esse tipo de narração foi impulsionado pela pandemia de Covid-19 e se mostrou como um potencial caminho para diminuição de custos. Mais do que isso, exigiu ainda novas habilidades dos profissionais. Em 2020, muitos jogos do Campeonato Brasileiro e Libertadores da América foram transmitidos a partir do Facebook ou via *off tube*.

Ainda foi pontuado, pelos respondentes, a atuação dos narradores somente em plataforma de *streaming*. É o caso da Bitcom TV, de Caxias do Sul, que cobre os jogos do Juventude e Caxias no YouTube, Facebook e Instagram. “Com a bola rolando é rádio e com a bola parada, é TV”, afirma o narrador Ivanir Pinto. Nessas modalidades há uma câmera para o narrador e outra direcionada para o campo. Segundo Thiago Suman (Rádio Inferno e CBF TV) essas narrações necessitam de um ritmo próprio e dinâmica num meio termo entre rádio e TV, numa lógica de terceira via, dialogando com as ferramentas disponíveis.

Já os profissionais que afirmaram não se identificarem com a narração via redes sociais entendem que a emoção do rádio é parte do espetáculo do jogo e isso estaria sendo afetado pelas narrações em vídeo. Por outro lado, também declararam sentir timidez com essa

forma de produção e apontam insegurança quando o assunto é a qualidade da conexão de internet como fator que pode comprometer uma transmissão. Além do mais, foi pontuado que o tipo de narração não é a mesma, além de uma superestimação acerca do número de visualizações, que não pode ser tomado como comparativo com a audiência no rádio tradicional. Ainda chamaram atenção sobre a sincronia entre equipe ou profissional de filmagem e o próprio narrador.

Refletir sobre *o futuro da profissão* também foi algo instigado nesta pesquisa e, sendo assim, os narradores gaúchos, de um modo geral, entendem que a narração esportiva seguirá junto com o esporte e com o rádio, estará atrelada à função especial do rádio e sua capacidade de inovar, sendo uma das poucas funções que não perderá espaço, ainda que siga migrando pra outras plataformas e redes sociais. Essas também podem trazer uma dinâmica ainda mais interativa entre narrador e audiência, mais visual. Os entrevistados notam um movimento crescente da presença de menos profissionais nos estádios e mais narrações feitas de estúdio, considerando a redução de custos e também a valorização da qualidade de som. O caminho da narração, como muitos afirmaram, será impulsionado pelos canais de *streaming on demand*. Eles também percebem a narração, futuramente, como uma mescla entre imagens, vídeos e áudio. Tecnicamente, alguns narradores consideram que o ritmo de narração está cada vez mais lento, possivelmente, pela influência da imagem.

Quanto à *formação de novos profissionais e renovação da área*, a pesquisa apresenta equilíbrio. Em 96 respostas, 47 narradores entendem que existe renovação na profissão. Por outro lado, 49 locutores compreendem que não. No primeiro caso, em essência, surgem jovens profissionais que, aos poucos, estão inserindo estilos baseados em um tipo de linguagem próprio das redes sociais. Nesse sentido, crescem as oportunidades de atuação nas *web rádios*. Por outro lado, grande parte dos narradores ressaltaram a falta de oportunidades em um “mercado fechado”, principalmente nos meios tradicionais, onde há a manutenção de narradores consagrados, com uma tímida e lenta renovação no interior do estado, além de baixa valorização.

Quando indagados se *o narrador deve exercer apenas essa função ou pode atuar em outras atividades no rádio*, em 98 respostas, os locutores foram praticamente unânimes na opinião de que o profissional também pode ou deve exercer diferentes funções. Apenas um defende que a narração deve ser exclusiva. De uma forma geral, as respostas se basearam em

três justificativas: A primeira é que, principalmente no interior, é exigido que os radialistas e jornalistas desempenhem outras atividades, além da narração. A segunda é que os narradores teriam maior facilidade de adaptação a outras funções, destacando-se como apresentadores, locutores e comentaristas. A terceira é que o panorama multitarefa do atual mercado de trabalho não teria mais espaço para profissionais que exercem tão somente a narração. Seis participantes enfatizaram que são repórteres, ao mesmo tempo que, quando necessário, relatam transmissões esportivas.

Por fim, os narradores argumentaram sobre *os reflexos da pandemia do Covid-19* em suas atividades. Foram registradas 95 respostas. Apenas 4% disseram que não houve problemas significativos, enquanto 7%, tão somente, resumiram o panorama como ruim. Segundo a maioria, o impacto foi negativo para a narração. Para 20%, as transmissões obrigatórias por *off tube* foram o principal reflexo, aliado à ausência dos narradores e das torcidas nos estádios, enfatizado por 16%. Conforme variadas opiniões, nas transmissões via tubo, perdem-se elementos importantes quanto ao ambiente de disputa como a emoção. A pandemia, de acordo com 10%, atingiu fortemente o mercado, no qual muitos narradores acabaram sem trabalho durante longos períodos, algo que também afetou o ritmo e a prática técnica da função, conforme 6%. Para 8%, a pandemia prejudicou a profissão, levando em conta questões econômicas relativas aos patrocínios. Ainda 6% deles também citaram a dificuldade de aliar o uso de máscaras em plena função, seja dos estúdios ou dos estádios. E para 15%, a pandemia provocou, por outro lado, um processo de reinvenção ou adaptação, tanto para rádios quanto narradores.

5. CONSIDERAÇÕES

Nosso objetivo principal nesta pesquisa foi de mapear o perfil dos narradores no rádio gaúcho da atualidade, tanto nas tradicionais ondas hertzianas como pela internet, nas *webs*. No total, foram 147 participantes. A partir dos dados obtidos, podemos destacar, primeiramente, que os profissionais estão concentrados na média de idade entre vinte e sessenta anos e são oriundos, em sua maioria, das regiões de fronteira, sul e de Porto Alegre.

O tempo de experiência compreende entre dez e vinte anos de profissão, ou seja, a maioria desses locutores iniciaram suas carreiras no período contemporâneo descrito por Götz

(2020). Identificamos que grande parte dos profissionais atuam com carteira de trabalho assinada (o que lhes garante direitos trabalhistas via CLT). Em média, os respondentes atuaram em 5 emissoras anteriores ao atual posto. Ao mesmo tempo, percebeu-se que é crescente o número de locutores estreantes. Isso pode significar um indicativo de que, atualmente, muitas empresas de comunicação estão apostando em novos narradores ou potenciais locutores esportivos.

A narração esportiva no rádio gaúcho é predominantemente masculina. Entre todos os participantes desta investigação, foram identificadas as presenças de apenas duas mulheres: Clairene Giacobe, da *web* rádio Estação Web, e Mara Nogueira, da Rádio Diário AM de Carazinho. Giacobe começou sua trajetória na Estação em 2012, onde segue como narradora e comentarista. Além disso, foi goleira do Sport Club Internacional, nos anos 2000. Nogueira, por sua vez, é jornalista e iniciou sua carreira como repórter. A primeira oportunidade para narrar surgiu em 2019. Atualmente, ela transmite não apenas futebol, como outras modalidades. Em 2021, Mara Nogueira foi selecionada para participar do programa “Narra Quem Sabe”, da ESPN, que visa desenvolver novos talentos.

Como esperado, a maioria dos narradores possui formação técnica em rádio e televisão. Observou-se, também, parcelas que se dedicaram às especializações em narração propriamente dita e na graduação em Jornalismo. Contudo, foram identificados locutores formados em outros quase quarenta campos distintos, entre o Ensino Médio à pós-graduação lato sensu. Existe uma significativa parcela de narradores autodidatas, que aprenderam apenas ouvindo rádio, observando outros profissionais com os quais se identificaram e, por fim, vivenciando a prática. Nesse viés é que se sustenta (entre os participantes) a perspectiva dos que acreditam que a narração não pode ser ensinada, pois se trataria de um dom ou talento nato.

Quanto às memórias marcantes, as coberturas mais lembradas pelos narradores foram de competições como a Copa Libertadores da América, Brasileirão Série A e Gauchão (neste último marcado pela rivalidade estadual entre Grêmio e Internacional e disputa dos clubes do interior). Foram, no entanto, citadas outras modalidades esportivas em que a narração se faz presente, tais como: basquete, futsal, atletismo, vôlei, Fórmula 1 e futebol americano. A narração também está presente nas competições femininas (marcada exponencialmente pelo futebol: amador ou profissional).

Este trabalho também buscou refletir sobre o futuro da narração esportiva em um cenário convergente e digital. Atualmente, as transmissões de vídeo nas redes sociais e plataformas de *streaming on demand* têm provocado mudanças nos estilos de narração, ainda que repetindo fórmulas consagradas, nos formatos de jornadas esportivas, ampliando, cada vez mais, a participação do público. As irradiações não ocorrem mais apenas via antena, mas também pelas redes sociais. Transmitir por diferentes canais é uma prática comum entre os narradores contemporâneos do estado. Principalmente os jovens locutores encaram essas ferramentas com naturalidade. As mudanças na forma de narrar incidem sobre o ritmo das narrações exclusivas para as redes, que ficam num meio termo entre a narração do rádio e da TV.

As narrações em vídeo representam uma oportunidade para aumentar a visibilidade de campeonatos amadores e menos expressivos, com a possibilidade de atrair novos patrocinadores para as emissoras de rádio. Ainda representa oportunidade de trabalho e renda. Teríamos então uma terceira via da narração no que se refere à linguagem, mesclando a emoção do rádio e imagem do jogo. Mas esse tipo de narração merece alguns olhares críticos quanto à superestimação das visualizações, melhorias técnicas de conexão de internet, resistência de alguns profissionais em atuar nesses canais e potenciais dinâmicas interativas entre narrador e audiência. Todos esses aspectos carecem de pesquisas futuras para compreender ainda mais a narração em ambiente de convergência.

Os dados da pesquisa apontam ainda que deve prevalecer a emoção como fator fundamental numa narração. E reforçam o narrador como o comandante da jornada esportiva e como um agente de memória ao eternizar jogos e lances esportivos com base no improviso, na informação e na capacidade de envolver a audiência gerando identificação. Ainda predomina uma espécie de “magia” acerca da narração esportiva no rádio. Neste sentido, chamamos atenção para o papel que as instituições de ensino têm enquanto formadoras de novos profissionais para perceberem as transformações correntes, bem como as próprias emissoras, que têm nas jornadas esportivas uma fonte de publicidade.

Os narradores mais referenciados na pesquisa foram os seguintes: Haroldo de Souza, Pedro Ernesto Denardin e Armino Antônio Ranzolin, do rádio tradicional. Thiago Suman e Ramiro Ruschel, do rádio por *streaming*.

Quanto ao objetivo de constatar o tipo de narração predominante no estado, pontua-se que tanto o estilo denotativo quanto o conotativo estão em voga. O destaque está para o uso de bordões e figuras de linguagem nas seguintes situações dentro da jornada: na hora de informar o tempo e placar do jogo, para destacar o tempo e o placar da emissora, durante o jogo em si (a maior parte), para descrever as ações dos goleiros, para adjetivar jogadores e durante a marcação de um gol.

REFERÊNCIAS

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006.

CÉSAR, Cyro. **Como falar em rádio**: prática de locução AM e FM. São Paulo: Summus, 2009.

DALPIAZ, Jamile Gamba. **O futebol no rádio de Porto Alegre**: um resgate histórico (dos anos 30 à atualidade). Dissertação. Mestrado em Comunicação e Informação. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2002.

DO rádio para a televisão – a experiência da jornalista Mara Steffens no programa Narra Quem Sabe da ESPN. **Contato Vip**. Carazinho, 11 jan. 2002. Disponível em: <https://www.contatovip.com.br/norte/do-radio-para-a-televisao/>. Acesso em: 11 mar. 2022.

DUVAL, Adriana Ruschel. Ernani Ruschel. In: PRATA, Nair, Santos, Cláudia. **Enciclopédia do rádio esportivo brasileiro**. Florianópolis: Insular, 2012. p. 245-247.

GIACOBÉ Clairene. **Coletiva.net**. Porto Alegre, 23 set. 2021. Disponível em: <https://www.coletiva.net/onde-estao/clairene-giacobe,403896.jhtml>. Acesso em: 11 mar. 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GÖTZ, Ciro. **Vozes do Gol** - História da narração de futebol do rádio de Porto Alegre. Florianópolis: Insular, 2020.

_____. A NARRAÇÃO ESPORTIVA NO RÁDIO DO BRASIL: uma proposta de periodização histórica. **Âncora**. João Pessoa, n.1, p. 66-86, 2020.

GUIMARÃES, Carlos Gustavo Soeiro. O início da narração esportiva no rádio brasileiro: as transmissões pioneiras. In: RADDATZ, Vera Lucia Spacil et al (Org.). **Rádio no Brasil**: 100 anos de história em (re) construção. Ijuí: Editora Unijuí, 2020, p. 79-95.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio**: teoria e prática. São Paulo: Summus, 2014.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais**: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

MADUREIRA, Paulo; KISCHINHEVSKY, Marcelo. Show do esporte – Considerações sobre programas de relatos desportivos como gênero fundador da radiofonia. In: XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação., 2015, Rio de Janeiro. *Anais...*Rio de Janeiro, 2015.



MADUREIRA, Paulo Sérgio de Jesus. Panorama da narração radiofônica de futebol na Região Metropolitana do Rio de Janeiro no início do século XXI. 2016. 129 f. **Dissertação (Mestrado em Comunicação)** – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

MOSTARO, Filipe Fernandes Ribeiro; KISCHINHEVSKY, Marcelo. Narrativas sobre as primeiras transmissões de jogos internacionais da Seleção Brasileira. **Letra. Imagen. Somido.** Ciudad Mediatizada. Buenos Aires, n. 15, p. 147-165, 2016.

SCHINNER, Carlos Fernando. **Manual dos locutores esportivos:** como narrar futebol e outros esportes no rádio e na televisão. São Paulo: Panda, 2004.

SOARES, Edileuza. **A bola no ar:** o rádio esportivo em São Paulo. São Paulo: Summus, 1994.

Original recebido em: 25 de janeiro de 2021

Aceito para publicação em: 18 de fevereiro de 2022

Marizandra Rutilli

Doutora e mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (Poscom/UFSM) e graduada em Comunicação Social - Jornalismo pela Unijuí (Ijuí/RS). Já atuou como docente na Universidade de Cruz Alta (Unicruz), Unijuí e também na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Integra o Núcleo de Estudos de Rádio da UFRGS (NER) e o Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte da UERJ (LEME).

Ciro Augusto Francisconi Götz

Doutor e Mestre em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Jornalista pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Foi docente das disciplinas de Radiojornalismo no Instituto Educacional Luterano de Santa Catarina (IELUSC). É autor do livro *As Vozes do Gol - história da narração de futebol no rádio de Porto Alegre* (2020).
Integra o Núcleo de Estudos de Rádio da UFRGS (NER).



Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional

